

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN – SACOD
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

GABRIEL DA COSTA

PERFIL JORNALÍSTICO: RETRATOS DAS IDENTIDADES DO CENTRO DE
LETRAS DO PARANÁ

CURITIBA
2018

GABRIEL DA COSTA

PERFIL JORNALÍSTICO: RETRATOS DAS IDENTIDADES DO CENTRO DE
LETRAS DO PARANÁ

Texto monográfico apresentado para a disciplina
de Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC2) do
curso de Comunicação Social – Jornalismo da
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Ricardo Tesseroli

CURITIBA

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

**AVALIAÇÃO DA APRESENTAÇÃO ORAL
DO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

NOME DO ALUNO(A): **GABRIEL DA COSTA**

TÍTULO: **PERFIL JORNALÍSTICO: RETRATOS DAS IDENTIDADES
DO CENTRO DE LETRAS DO PARANÁ**

LOCAL E DATA DA APRESENTAÇÃO ORAL:

Sede do Departamento de Comunicação Social da UFPR,
realizada na sala 01, no dia 05/12/18, às 10h30.

BANCA EXAMINADORA – PROFESSORES	NOTA
RICARDO GERMANO TESSEROLI (orientador)	8.5
JOSÉ CARLOS FERNANDES	8.5
RAFAEL ANTUNES RODRIGUES (convidado)	8.5
MÉDIA FINAL:	8.5

BANCA EXAMINADORA	ASSINATURA
RICARDO GERMANO TESSEROLI	<i>Ricardo Tesseroli</i>
JOSÉ CARLOS FERNANDES	<i>José Carlos Fernandes</i>
RAFAEL ANTUNES RODRIGUES	<i>Rafael Antunes</i>

Curitiba, 04 de dezembro de 2018.

RESUMO

O presente trabalho refere-se à produção do livro-reportagem “Centro de Letras do Paraná: Ensinos Relembrados”, bem como aos processos e às técnicas utilizadas na confecção do conteúdo. Apresenta também a metodologia de trabalho aplicada, que constitui de entrevistas em profundidade, e técnicas textuais de construção narrativa provenientes das linhas de produção que se encaixam na interpretação da “Jornada do Herói”. A junção das técnicas de coleta de dados e de narração dos fatos está representada na produção de onze perfis jornalísticos, modelos de texto jornalístico onde o foco da narrativa são os personagens entrevistados. Foram escolhidos para as entrevistas, dez associados do Centro de Letras do Paraná, órgão cultural fundado em 1912, que têm ou já tiveram vínculos com a diretoria da entidade. Juntamente com os dez perfis, foi produzido um perfil de ambientação para caracterizar o espaço comum onde esses personagens se encaixam, nesse caso, o prédio sede do CLP. O produto final foi realizado perante a necessidade da instituição de retratar seus membros e relacioná-los ao contexto histórico das atividades realizadas pela entidade.

Palavras-chave: Livro-reportagem. Perfil jornalístico. Jornada do Herói. Entrevista em profundidade.

Centro de Letras do Paraná.

ABSTRACT

The following work refers to the production of the non-fiction book “Centro de Letras do Paraná: Ensinamentos Relembrados”, as well as the processes and the techniques used in the confection of the content. It also presents the applied methodology of work that consists of in-depth interviews, and textual techniques of narrative structuring that come from a line of production and interpretation known as “The Hero’s Journey”. The combination of data gathering and storytelling is represented on the production of eleven journalistic profiles, text models in which the focus are the interviewed characters. Ten board members of the entity Centro de Letras do Paraná, founded in 1912, were chosen for the interviews. Together with these profiles, one setting profile was also produced to characterize the common place where these characters fit, in this case, the CLP building. The final product was made in view of the entity’s necessity of representing its members in the historical context of its official activities.

Keywords: Non-fiction book. Journalistic profile. The Hero’s Journey. In-depth interview. Centro de Letras do Paraná.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. CARACTERÍSTICAS DO PERFIL JORNALÍSTICO	9
2.1. CARACTERÍSTICAS DO PERFIL DE AMBIENTAÇÃO	11
2.1.1. Perfil de Ambientação do Centro de Letras do Paraná	14
3. METODOLOGIA.....	16
3.1. ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE	17
3.2. A JORNADA DO HERÓI.....	20
4. CONCLUSÃO.....	23
5. REFERÊNCIAS	25

1. INTRODUÇÃO

A cidade cerca as portas abertas do prédio esquecido. Ali passam poucos carros e o ônibus vermelhão. Lá por entre os salgueiros não passa muita gente. Atravessar as imposições visuais as quais a fachada é submetida é tarefa para quem busca de fato aquele endereço, aquele ponto específico: o Centro de Letras do Paraná. A entidade carrega em sua história, em seu nome, uma seleta reunião de histórias. Funciona como um centro de conexões entre as diferentes organizações literárias curitibanas. Uma ilha de conhecimento isolada pelo crescimento da cidade e pela demanda (cada vez mais crescente) por literatura estrangeira, (autores) ligados as grandes editoras e seus best-sellers. O Centro de Letras recebe os escritores cujos nomes passariam esquecidos não fossem seus próprios esforços para espalhar suas obras. Uma associação de pessoas que acreditam que a Literatura paranaense merece um lugar onde possa se estabelecer independentemente, por meio de subsídios próprios e de doações de outras entidades culturais.

Com seus próprios rituais, suas próprias maneiras de reunir e compartilhar conhecimento e cultura, os membros do Centro se comunicam através da literatura, da música e da poesia declamada (trovação). Há no lugar um incentivo à criatividade, interesse em contribuir para o crescimento da identidade cultural paranaense.

As produções literárias dos assossidados são diversas. São poemas, em sua grande maioria, mas alguns, como Paulo Roberto Karam e Teresa Teixeira de Brito, são historiadores que buscam pesquisar a história do Centro de Letras do Paraná, e também de outras entidades relacionadas, como a Academia Paranaense da Poesia. Há peças musicais de compositores consagrados, e também produção de artes plásticas, como é o caso do ilustrador e artista plástico Di Magalhães, famoso em Curitiba por seus desenhos de pontos históricos proeminentes da cidade. A diversidade cultural presente no ambiente traz em pauta a necessidade de uma representação fiel da identidade desses membros e de suas capacidades singulares. Uma reunião de histórias que constroem e modificam constantemente o Centro de Letras. Essa necessidade vem do interesse em retratar o trabalho e o esforço que cada membro do Centro dedica ao engrandecimento do cenário literário paranaense.

As contribuições de cada membro ao longo de suas histórias junto ao Centro de Letras, compõem uma importante marca na história da cidade e na composição da sociedade curitibana.

Desde sua fundação, em 19 de Dezembro de 1912, pelos esforços dos patronos Euclides Bandeira e Emiliano Pernetá, a entidade atua na construção de uma comunidade literária única e diversificada. A produção literária paranaense, em especial a curitibana, traz na sua história uma longa linha de poetas, trovadores e prosadores que produziu grande quantidade de conteúdo e continua produzindo. A comunidade literária do Centro de Letras, hoje, é também muito ativa em sua produção própria e tem iniciativas de intensificar essa produção ainda mais, como é o caso do Curso de Criação Literária, ministrado em 2017 por esforços dos próprios membros.

Com o intuito de integrar o espaço criativo representado pela entidade, e humanizar os escritores do Centro buscando características esquecidas (ou talvez nunca ditas) de suas vidas que compõem parte da história viva de Curitiba, é que surge a iniciativa do referente trabalho: a produção de um livro reportagem que colete informações sobre os escritores que produzem e agregam valor ao acervo literário paranaense, reproduzindo as informações coletadas a partir do desenvolvimento de perfis jornalísticos sobre as personas que representam essa comunidade literária.

Ao pensar que a literatura funciona também como um instrumento de estudo histórico de uma determinada comunidade, é preciso levar em conta que há pouco estudo sobre a comunidade literária paranaense. Se pensarmos então na quantidade de produtos que visam aprofundar as personalidades que atuam hoje na cena literária do Estado, o número é ainda menor. Nesse cenário de escassez é que surge a intenção de retratar realidades e apresentar uma nova perspectiva sobre a vida de pessoas através da produção de perfis jornalísticos dos escritores associados ao Centro de Letras do Paraná, em Curitiba, reunidos em um livro reportagem, uma coletânea dos perfis produzidos.

O Centro de Letras do Paraná corre o risco de não encontrar um lugar permanente na cena literária atual se suas identidades não forem esclarecidas ao público leitor, se suas histórias e seus escritos não encontrarem visibilidade e permanecerem um mistério para quem busca literatura curitibana de qualidade. O

interesse é de iniciar um processo de estudos e reconhecimento popular dos nomes, das trajetórias, dos lugares e dos tempos em que vivem e viveram as pessoas que fizeram do Centro de Letras a organização que é hoje. Desmistificar e apresentar algumas personalidades conhecidas, como a do presidente do centro Ney Fernando Perracini de Azevedo, ou nomes quase nunca ouvidos, como o da poetisa Janske Niemann Schlenker, já vencedora do prêmio literário “Medalha de Mérito Fernando Amaro”; também faz parte da principal iniciativa do trabalho. São hoje mais de 300 membros efetivos no centro de letras, com uma média de 40 membros atuantes todas as semanas. O recorte dos 10 membros mais atuantes, ligados à diretoria do Centro, tem por intuito retratar parte de como se organiza essa estrutura, e como isso influencia as produções literárias da entidade.

O livro reportagem resultante da proposta de contar (ou recontar) essas histórias, se propõe a criar um banco de dados sobre dez das personalidades da identidade do Centro de Letras do Paraná, e importantes também para a comunidade literária do estado. O trabalho será uma reunião de perfis que poderá funcionar como um referencial de estudo sobre a vida e obra dos autores, ajudando também a resignificar a imagem do Centro.

A entidade conta, hoje, com mais de 300 membros efetivos, que são associados uma vez por ano, durante uma cerimônia a ocorrer no mês de Dezembro do ano referente. Os novos associados ao centro são indicados por membros já efetivos, e devem seguir o requerimento de ter um trabalho literário publicado, sendo em forma de um livro “solo” ou em forma de uma antologia reconhecida pelo Centro. O número de membros que se associam por ano varia entre 30 e 40.

Para fazer o recorte de quais associados seriam entrevistados, usou-se da lista de presença fornecida pelo próprio Centro, e também da hierarquia atuante. Estão na lista de perfilados dez autores que possuem ou possuíram algum vínculo com a diretoria do Centro de Letras do Paraná, desde o dia em que ingressaram no Centro até a atualidade, e que também possuem a maior assiduidade nas reuniões e nos eventos organizados pela entidade. São eles: Ney Fernando Ferracini de Azevedo, Andréa Motta, Neumar Carta Winter, Janske Schlenker, Paulo Roberto Karam, Paulo Roberto Walbach Prestes, Teresa Teixeira de Britto, Mariângela Pellizzer, Emanuel Mascarenhas Padilha e Lília Souza.

A reunião dos perfis e de uma produção literária selecionada de cada autor, pretende criar um panorama da identidade geral do Centro de Letras do Paraná, como se organizam os membros e quais são suas características textuais próprias, esmiuçando assim a contribuição de cada um para a construção do Centro e da cena literária paranaense.

2. CARACTERÍSTICAS DO PERFIL JORNALÍSTICO

O perfil é um gênero da prática jornalística que coloca o personagem em foco, suas experiências e sua relação com os desafios e acontecimentos de sua realidade. O perfilado, como elemento central da narrativa nesse gênero de texto, é colocado sob a perspectiva de quem lê: um entrevistado, acima de tudo. O perfil jornalístico “é um tipo especial de narrativa, que se constrói sobre o relato de atos e ideias da personagem em questão” (ABREU, ARAÚJO, SILVA, 2016, pg. 56). Seu objetivo principal é o de humanizar a prática jornalística, de dar identidade a personagens e gerar empatia.

Empatia é a preocupação com a experiência dos outros, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar uma situação do ponto de vista do interlocutor. Acredito que a empatia também facilita o autoconhecimento (de quem escreve e de quem lê) (VILAS BOAS, 2003, p. 14). A empatia modifica o texto reportagem, no gênero perfil, trazendo o acontecimento para mais próximo do tempo/espaço do leitor. É uma aproximação ao “real”, uma tentativa de diminuir os espaços entre quem está sendo perfilado e quem está acompanhando a história dessa pessoa. A empatia, como instrumento jornalístico, é usada em diversas vertentes da prática da profissão. No perfil, especificamente, essa ferramenta ganha mais prevalência e relevância, por ser uma ponte acessível e facilitadora nos processos de interpretação dos fatos.

O gênero perfil vem se construindo como gênero textual jornalístico desde os anos 20. Ganhou forças na década de 60, representado principalmente pelo jornalista Guy Talese, com seus grandes perfis sobre o boxeador Joe Louis e Frank Sinatra. Os autores pioneiros do gênero como produção jornalística, usaram da ferramenta empática de maneira categórica, quase exagerada. Há uma extrema

humanização (pouco crítica) da realidade dos perfilados. Não existe, porém, um detrimento nisso, trata-se de um novo estilo em desenvolvimento. O uso da ferramenta se diferencia hoje por inúmeros motivos, que criaram uma corrente de produção diferente nos países para onde o perfil ganhou força produtiva.

No Brasil, por exemplo, o perfil ganhou reconhecimento durante o período das revistas *Manchete* e *Realidade*, época em que apresentavam sua melhor forma e que ajudaram a formar os moldes do perfil jornalístico para os anos seguintes (ABREU, ARAÚJO, SILVA, 2016, pg. 59). Com o fim dessas revistas, o surgimento da revista *Piauí* foi o evento que resgatou a prática do gênero. A revista cementou uma prática de longos perfis repletos de detalhes e produzidos durante longos períodos de tempo.

O Brasil não tem tradição em Jornalismo Literário, e esta é uma das razões de ainda ser rala a maioria de nossas produções do tipo perfil. Revistas como *Piauí* e *Brasileiros*, surgidas entre 2006 e 2008, têm ajudado a reduzir um pouco o nosso déficit em relação aos norte-americanos e hispânicos (VILLAS-BOAS, 2014, p. 281)

O perfil jornalístico também se modificou no Brasil durante esse período em que esteve em desenvolvimento teórico e prático. Os textos de caráter biográfico foram dando espaço a textos mais descritivos, pensados mais como “retratos” de um personagem, do que um relato ou um documento histórico. O conceito de escrever sobre uma pessoa adquiriu valor jornalístico relevante aos assuntos que são diretamente relacionados às ações e transformações que essa pessoa causa no ambiente ao seu redor.

A problemática do perfil é, como observamos, escrever o outro. Mais que os dados e os fatos, as opiniões e as estatísticas, interessa-o escrever aqueles que movimentam estas circunstâncias (ABREU, ARAÚJO, SILVA, 2016, p. 63)

Construído, então, como recorte estratégico da realidade do personagem, o perfil se apresenta noticioso, com valor notícia, principalmente por fazer a ligação necessária entre as ideias do perfilado e suas ações. Essa ligação é necessária para

garantir valor histórico ao produto final, garantir que a carga de informação seja capaz de sustentar uma pauta de pesquisa social.

Os recortes mais incisivos, mais práticos e menos carregados de informação histórica, dão uma característica mais “presente” ao texto, muito mais fácil de ser captada pelo leitor se comparado a gêneros mais “complexos” como as biografias ou pesquisas históricas.

Ao contrário da biografia, o perfil não é necessariamente um relato sobre a vida de alguém. E, quando também enfoca uma pessoa, em vez de se deter sobre toda a trajetória de um ser humano, vai buscar o registro de alguns momentos significativos da vida dessa pessoa. (AMATE, 2013, p. 104)

O imediatismo do perfil, então, é que garante fluidez ao ato de contar a história de uma pessoa (ou de um lugar, objeto inanimado). Como não há necessidade explícita de um relato histórico detalhado, não há porquê agregar desequilíbrio na importância das informações propostas pelo produzido. O perfil se destaca pela facilidade em aproximar os personagens da realidade do leitor, não no relato exagerado dos feitos do passado do personagem. As características que o personagem carrega consigo durante o ato da produção do texto, é o artifício que busca a empatia proposta pelos vanguardistas do gênero. A humanização do personagem, a tentativa de colocar essa pessoa de importância narrativa ao alcance do leitor comum, do leitor que espera encontrar no texto algum tipo de catarse possível e palpável.

2.1. CARACTERÍSTICAS DO PERFIL DE AMBIENTAÇÃO

Dentro da prática do perfil, pode-se destacar também a utilização das descrições “espaciais” como também um personagem, um protagonista. O caráter inumano de um espaço físico pode ser reconfigurado e utilizado em prol tanto da produção literária quanto da jornalística. No perfil, os detalhes, por menores que sejam, são os elementos que irão construir a subjetividade textual, e inserir os personagens em um contexto social, econômico ou político que tenta caracterizá-los e catalogá-los em uma classe comum, um propósito que os personagens dividem. O

espaço de convivência de um personagem, é um detalhe de sua história, um lugar onde sua história se insere, onde suas ações tomam efeito real, com consequências. Esse efeito do real compõe parte de sua narrativa, mesmo que o próprio personagem não cite o espaço como agente influente da sua história.

Ora, a busca dos pequenos detalhes, aparentemente irrelevantes para a informação, entretanto capazes de suscitar tais efeitos, é hoje corrente entre os profissionais da narrativa de não-ficção. (SODRÉ, 2009, p. 154)

O autor Sergio Villas-Boas acredita que o espaço é parte fundamental da criação de um perfil. O espaço onde o personagem se insere faz parte da construção da sua personalidade. A “atmosfera” do espaço molda a maneira do personagem se comportar, conversar e se relacionar com outros personagens. Para o escritor “os espaços são os locais dos encontros do autor com o protagonista e/ou com as pessoas próximas a ele/ela. Os espaços ampliam a percepção sobre o estilo de vida (life style), entre outras coisas (VILLAS-BOAS, 2014, pg. 279)”.

A relação entre o personagem e a “coisa”, o lugar inanimado, no presente trabalho denominado de espaço, é em si uma história, uma narrativa. A maneira como um personagem divide sua experiência humana com um espaço inanimado é um detalhe a ser também analisado, pois traz toda a subjetividade das ações e reflexões de tal personagem.

Os exemplos de Talese que, no caso da ponte, também se deteve aos operários, engenheiros e famílias atingidas pelo projeto urbanístico, apenas demonstra que pode existir, sim, uma linha muito tênue, no próprio jornalismo, entre o relato protagonizado e a narrativa da grande reportagem. O hibridismo surge pelo simples motivo de que nenhum elemento do mundo significa algo sozinho, algo em si mesmo. Existem contextos, substratos (físicos e/ou psicológicos) e, obviamente, histórias humanas relacionadas. Isso demonstra que restringir o conceito de perfil, segregado no caráter individual e humano de personagem centralizado narrativa, pode significar um equívoco perante a própria historiografia do gênero, lapidada na arbitrariedade das experimentações estilísticas dos repórteres norte-americanos, especialmente em *The New Yorker*. (AMATE, 2013, p. 99)

Nesse contexto, o perfil de ambientação se encontra como o trabalho que dá significado às interações personagem/espço. Com a análise dessas interações, é possível conceder ao personagem novas características, novas subjetivações, ou reafirmar características previamente observadas.

Os maneirismos dos personagens, os discursos, as relações interpessoais que cada personagem carrega; são detalhes todos ligados ao espaço em que se situam. Não há uma distinção clara, principalmente em se tratando de um ambiente de convívio social ou ambiente de trabalho. O espaço presente, o ambiente, reverbera em todas as ações que o personagem apresenta ao perfilador. A descrição que cabe ao jornalista, é entender e detalhar no texto, como essas ações modificam a realidade perceptível do personagem e dos indivíduos a ele ligados. Essa característica de ligação, de relação, cria uma sensação de “convergência” entre as histórias retratadas. Em um determinado recorte de um determinado trabalho, os perfis produzidos sobre os personagens que compartilham um universo comum, apresentam características semelhantes entre si. Apesar disso, essas semelhanças não podem ser caracterizadas em apenas dois grupos de entendimento, de maneira lógica. Como explica o autor Edvaldo Pereira Lima, há um aspecto quântico na construção desse tipo de texto, onde diversas coisas podem se relacionar ao mesmo tempo construindo sistemas diversos.

Sob o ponto de vista ético, essa linha de livro-reportagem pode elaborar um pensamento produtivo, este termo segundo o conceito de Dante Moreira Leite. Isto é, realiza leituras críticas da realidade, mas mostra – conforme é possível, sob a ótica das teorias científicas modernas de ponta – indícios de soluções para os problemas, ou pelo menos sua contextualização correta no âmbito da ordem hierárquica sistêmica, na qual o determinismo linear não prevalece e onde tudo está em trânsito contínuo no duradouro processo de transformação. Só assim o leitor compreenderá a magnitude das variáveis implicadas nos fenômenos da realidade e somente desse modo encontrará tanto uma direção das ocorrências no plano social quanto sua correta localização humana em meio a tal ambiente de sistemas interdependentes. (LIMA, 1951, p. 327)

A pauta principal nesse capítulo detalhada, é a de explicar como a relação que os personagens têm com o espaço no qual convivem, transforma o espaço em

um personagem em si próprio, pois essa relação, e as interações diversas existentes entre personagem/espço, conferem identidade viva ao espaço em questão. Essa interdependência entre os elementos citados, não deve ser deixada de lado na produção do perfil, constituindo assim uma etapa fundamental na produção de um texto desse gênero.

2.1.1. Perfil de Ambientação do Centro de Letras do Paraná

O perfil de ambientação apresenta uma descrição detalhada e aprofundada de um lugar, nesse caso, o Centro de Letras do Paraná (CLP). Abrindo o livro, esse perfil carrega a função de esmiuçar as relações que constituem a identidade geral dos integrantes do CLP com os espaços físicos que os unem. Também servirá para introduzir o leitor ao tema geral do produto, e para apresentar o CLP como um órgão vivo, uma instituição carregada de história e personalidade. Esse perfil desfragmenta sua história como órgão literário público, desde detalhes sobre a sua fundação até o dia presente. Analisa aspectos arquitetônicos a fim de entender a relação estética do lugar, sua imagem, e as personagens que ali transitam e transitaram. A ambientação do CLP é passo fundamental para o entendimento do trabalho como um todo, e como o interesse para a criação desses perfis é fruto também da interação que os personagens têm com o lugar.

O lugar onde o personagem vive ou trabalha, a opção por conceder a entrevista num lugar ou noutro, a dificuldade em falar sobre determinados temas, por exemplo, podem dizer muito sobre o personagem. (ORMAZENE, 2013, p. 7)

Apesar do caráter inumano do Centro de Letras, a protagonização do ambiente físico não é impossível. Humanizar o objeto em foco é o objetivo de um perfil dessa categoria. Fazer com que o leitor possa se relacionar com algo que é inanimado, mas que tem, assim como qualquer personagem, uma carga histórica densa e complexa, cheia de detalhes que compõem sua importância narrativa.

A preocupação com os detalhes faz parte de uma característica muito importante do perfil como gênero textual, que é sua capacidade de envolver diversas

áreas de estudo e produção de conteúdo. É inerente aos trabalhos jornalísticos desse gênero a interdisciplinaridade, a convergência de ferramentas para a confecção de um produto denso e carregado de informação útil. “A profundidade jornalística passa, necessariamente, por uma leitura interdisciplinar, uma vez que, em cada fase da apuração, novos olhares e conhecimentos emergem” (ORMANEZE, 2009, pg. 3).

O avanço tecnológico na produção jornalística só impulsiona essa miscelânea de conteúdos e técnicas de produção. As reportagens aprofundadas são fruto evidente da utilização de teorias narrativas oriundas da literatura e de um grande aproveitamento e resignificação das práticas literárias, modificadas para atender também o mercado jornalístico.

Esse tipo de depoimento é valioso por indicar, para além de qualquer dúvida, o ponto intersticial na aproximação entre jornalismo e ficção literária: a estética do realismo objetivo. Não se trata, portanto, de qualquer estilo literário, nem mesmo do realismo clássico, como o de Balzac, que, como bem se sabe, ensaia uma espécie de “macrojornalismo” da totalidade social, intervindo como um demiurgo, por meio da filosofia social e moral, no universo que descrevia. O realismo objetivo prescinde dessa ordem de intervenções, desse narrador onisciente, em favor de objetivos, artisticamente selecionados como uma montagem cinematográfica e deixados à sorte da leitura. Fatos, gestos e diálogos passam de um suposto real-histórico para um real imaginado, com vistas à produção daquilo que Rolando Barthes chamou de “efeitos do real”. (SODRÉ, 2009, p. 154)

No trecho acima, o autor Muniz Sodré deixa claro que o cuidado com os detalhes é uma maneira de materializar o “real” e maneira objetiva, mesmo que as técnicas usadas para atingir esse objetivo sejam carregadas de subjetividade. A ideia é que essa distinção entre o que é “objetivo” (imparcial) e “subjetivo” (parcial), e a discussão sobre o uso de um em detrimento do outro, não faz sentido quando se analisa o gênero perfil. Esse gênero é uma construção das diversas ferramentas disponíveis ao jornalista, e o uso delas só engrandece o trabalho e enriquece o valor informativo da produção.

Nesse contexto, o perfil de ambientação usado para introduzir o livro-reportagem proposto por esse trabalho funciona como o elo que une os dez personagens do livro. O Centro de Letras como espaço, como ambiente social

comum aos personagens, atua na narrativa dando informações que complementam cada história, cada retrato, sem repetição de informação ou redundância de descrições. Tal perfil, na posição de perfil introdutório, ajuda a situar histórica e geograficamente o leitor no universo relatado, o que garante um melhor entendimento da situação social, política e também econômica qual estão inseridos tais personagens, garantindo uma imersão ainda maior e uma complexidade factual ainda mais apurada.

3. METODOLOGIA

Como instrumentação básica para construção do trabalho, foram usados dois conceitos principais. O conceito da entrevista em profundidade, aplicada na prática jornalística como captação de dados; e a jornada do herói, conceito presente em narrativas ficcionais e não-ficcionais, como forma de estruturação literária.

O método de entrevista em profundidade foi escolhido principalmente pela sua maleabilidade quanto à aplicação, em relação ao enorme contingente de informações provenientes da técnica. A entrevista em profundidade é um método de entrevista que leva em consideração, também, aspectos não respondidos em perguntas para a construção da entrevista. Nessa técnica, a produção acaba incorporando mais traços da personalidade do entrevistado, e garante mais complexidade ao texto.

Para a montagem e produção do texto propriamente dito, foi analisada e adaptada a noção da jornada do herói, uma das técnicas de construção narrativa mais usadas ao longo da história da literatura e por consequência do jornalismo. A técnica foi escolhida por apresentar uma cronologia aparente, fácil de ser assimilada, que dá uma estrutura textual de fácil acesso ao leitor. Também foram considerados os estudos que revelam o caráter empatizante da jornada do herói e suas características textuais. Para a construção dos textos nesses moldes narrativos há um inteligente o uso da humanização dos personagens, tema relevante também para esse trabalho. Com essa humanização, essa subjetivação do personagem, pretende-se construir textos que inspirem emoções e diminuam a distância emocional entre o leitor e o personagem.

3.1. ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

A entrevista é o método pelo qual o entrevistador reconhecerá e coletará as informações necessárias para a criação de um produto jornalístico de qualidade. É um processo meticuloso, apesar do que possa parecer. Existem vários métodos e modelos de perguntas que podem ser usados para a direção de uma entrevista, dois dos quais serão analisados a seguir, de acordo com as definições dos autores Nilson Lage (2001) e Edgar Morin (1966).

O primeiro método analisado é a entrevista rito/ritual, uma entrevista fechada, com perguntas previamente formuladas. Esse é o método de entrevista mais comum e conhecido hoje nos meios de comunicação. Ela faz parte de uma vertente de entrevistas que busca informações oficiais ou até superficiais sobre um determinado personagem. Nesse tipo de entrevista o foco do produto geralmente não é o personagem em si, mas sim as relações pessoais ou de trabalho onde o personagem se encontra inserido. Esse tipo de entrevista funciona como uma forma de reafirmar o que já se sabe sobre um determinado tema, sem nenhuma grande inovação ou descoberta sobre as características de um personagem. Como pontua Lage, as entrevistas “rito são geralmente breves. O ponto de interesse está mais centrado na exposição (da voz, da figura) do entrevistado do que no que ele tem a dizer. Entrevistas de jogadores ou técnicos após a vitória ou a derrota, ou de visitantes ilustres, logo após sua chegada, costumam ter essa característica. As declarações ou são irrelevantes, ou esperadas, ou ainda mera formalidade a que, por algum motivo, se atribui dimensão simbólica” (LAGE, 2001).

Há grande semelhança nas definições dos dois autores quanto a essa modalidade de entrevista. Ambos analisam e classificam a entrevista rito como uma formalidade, uma cerimônia, uma ação pré-programada com resultados previstos, premeditados. Morin, especialmente, faz valer a ideia de que a entrevista rito é uma tarefa mecânica, que pouco acrescenta à descrição do fato ou do entrevistado. Nesse sentido, Morin acrescenta ao conceito de Lage a intenção da entrevista rito de reforçar o discurso do entrevistado.

Seu objetivo verdadeiro é de fazer ouvir a voz, de autenticar o acontecimento pela voz-imagem (televisão, noticiário cinematográfico), de revelar e co-

municar a presença subjetiva. As próprias palavras da entrevista-rito são “rituais”. Elas completam a cerimônia (MORIN, 1966, p. 128)

Fora do ambiente jornalístico, esse tipo de entrevista também é usado para a prática de pesquisas de opinião ou de mercado: práticas rígidas que precisam de uma fórmula pré-estabelecida para que possam ser qualificadas e catalogadas como objeto de estudo social, mercadológico ou psicológico.

Em contraste, há a entrevista em profundidade. Esse estilo de entrevista “não focaliza um tema particular ou evento, mas a representação do mundo construída pelo personagem” (SILVA, 2009). É uma prática totalmente diferente, que carrega consigo uma possibilidade narrativa muito maior e eficaz na construção de uma identidade para o personagem em foco.

A definição de Nilson Lage sobre a entrevista em profundidade, põe em pauta o fato de que esse tipo de entrevista buscar relatar mais que apenas fatos históricos ou acontecimentos pessoais na vida do entrevistado, mas fazer com que esses dois elementos se relacionem entre si, e também com características físicas, psicológicas e comportamentais do personagem, ressaltando que “o objetivo da entrevista, aí, não é um tema particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser, geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida. Procura-se construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem, a partir de seus próprios depoimentos e impressões” (LAGE, 2001). Pode-se inferir, com essa definição, que na entrevista em profundidade o entrevistado é também entrevistador, é também apurador de informações, e participa ativamente na construção da narrativa.

A característica não estruturada da entrevista em profundidade, onde há mais liberdade na formulação de roteiro e também mais fluidez no processo de entrevistar, permite que o perfilado se expresse com suas próprias palavras, garantindo a subjetivação do leitor para com a história. A subjetivação atua, então, como uma maneira de relacionar o leitor ao entrevistado, ao perfilado, de criar vínculos entre quem conta e quem lê.

Temos a tendência a considerar o outro como objeto; enquanto que a entrevista nos traz sem cessar, à

consciência e ao sentimento, a presença subjetiva do outro (MORIN, 1996, p. 134)

É através da entrevista de profundidade que o entrevistador pode trabalhar com métodos mais abertos de coleta de informação. Nesse caso, o entrevistador se torna uma espécie de confidente, alguém com quem o entrevistado sente intimidade e confiança. As informações coletadas a partir desse tipo de entrevista são muito mais meticulosas e densas, informações que no gênero do perfil jornalístico irão garantir qualidade humana para a estrutura narrativa. A entrevista em profundidade também dá ao entrevistador a liberdade de buscar informações quais o entrevistado não costuma divulgar: informações importantes para o desenvolvimento pessoal ou profissional do personagem em destaque, que são detalhes de grande valor narrativo.

Parece, frequentemente, que nas entrevistas de personalidades, o melhor é a dosagem, ou antes a alternância, entre o estilo provocador, e mesmo polemista, e o estilo ouvinte. É conveniente, de fato, ora quebrar a comédia, a máscara, fazer o entrevistado sair de sua reserva, forçá-lo em suas trincheiras, ora, ao contrário, deixá-lo falar e calar-se... (MORIN, 1996, p. 131)

Fica claro que para Morin a entrevista aprofundada não é uma solução impassível de problemas. Dar direção para uma entrevista através não de perguntas, mas de objetivos que devam ser alcançados, é uma mentalidade elegante a se ter enquanto entrevistador. O método de entrevista usado deve ser uma reunião de um estilo não-diretivo, não estruturado, mais liberto de conveções jornalísticas de padrão industrial e comercial, com um abrangente espaço libertador onde o entrevistado possa se sentir confortável, unido ao caráter investigativo de um trabalho jornalístico apurativo.

A entrevista que depende de perguntas formuladas acaba deixando de lado os acontecimentos na vida do personagem que pavimentaram seu caminho até o ponto onde está, como conquistas pessoais e profissionais.

Há uma grande diferença entre o texto-perfil e as entrevistas do tipo pingue-pongue. Perfil não é debate. Autores que ficam paralisados diante do personagem, bombardeando-o com questões muitas

vezes irresponsáveis, deveriam reavaliar seus métodos. Os perfis elucidam, indagam, apreciam a vida num dado instante, e são mais atraentes quando atçam reflexões sobre aspectos universais da existência, como vitória, derrota, expectativa, frustração, amizade, solidariedade, coragem, separação, etc (VILLAS-BOAS, 2014, p. 273)

A entrevista em profundidade, então, mais incisiva e aprofundada, revela traços da vida do entrevistado. O perfil que surge a partir das informações obtidas por essa entrevista tem em seu conteúdo as informações necessárias para a transmutação do personagem em protagonista, herói da história. Essa transformação não é brusca, acontece ao longe do texto seguindo uma trajetória lógica, uma construção meticulosa que envolve e cativa o leitor. A possibilidade de o entrevistado ser também ator na construção da narrativa, através da entrevista mais voltada ao diálogo, garante também personalidade única ao texto e ao personagem destacado.

Para a realização do trabalho foram escolhidas técnicas de entrevista em profundidade para retratar as histórias dos personagens com maior apuração da narrativa dos fatos históricos pessoais de cada um. Segui-se um roteiro básico, aberto, onde três principais questões deveriam ser respondidas, sem ordem cronológica. As três questões procuravam encontrar os seguintes dados: dados pessoais, na forma de um breve currículo profissional, estado civil, idade e constituição familiar; relação com a literatura, a partir da identificação da obra literária do autor e suas relações com a arte escrita no decorrer de sua vida; e, por fim; a relação do entrevistado com o Centro de Letras do Paraná, a data de ingresso, a data de associação oficial e quais cargos ocupa ou ocupou durante sua permanência na entidade.

3.2. A JORNADA DO HERÓI

A apuração dos dados obtidos através da entrevista é que dará forma ao produto. A informação oferecida pelo entrevistado deve ser processada de maneira a ser criada uma linha narrativa baseada no que “importa” para o texto. É papel do jornalista encontrar eventos na vida do perfilado que sejam “relevantes” para a história que está sendo contada.

O valor notícia de uma reportagem é pauta das discussões de diversos autores. Cada redação possui sua própria base de conceitos que defina o que merece ou não ser veiculado em seu meio. Passando por um processo de seleção dos fatores que influenciam a relevância de um determinado fato, ou notícia, a informação é selecionada e transformada em produto útil. Nesse processo estão envolvidas teorias mercadológicas, principalmente, que ditam, a partir de estudos, as características que fazem uma notícia ter valor jornalístico.

Nesse processo, o jornalismo tem uma autonomia relativa em relação a outros campos, como a política e a economia. Isso significa que, na seleção das notícias, ora os jornalistas agem sob a influência de uma cultura e identidade próprias – que dizem o que é e também o que não é notícia – ora agem segundo interesses externos ao campo e arbitrariedades do poder. Nesse processo, há várias etapas de decisão (gatekeeping) que, muitas vezes, obedecem a padrões viciados, devido a uma pressão fundamental: o tempo (deadline). É nesse ambiente que atuam os valores-notícia. (MOREIRA, 2006, p. 14)

O perfil vai se criando a partir desse valor notícia, desse valor narrativo. Os eventos principais da história do perfilado vão dar forma ao seu relato, ao seu depoimento. Independente de quais sejam os eventos, cabe ao jornalista entender quais circunstâncias fazem o personagem ser quem ele é, mesmo que o personagem não explicita essa afirmação. Alguns eventos serão caracterizados como os “momentos de virada” da vida do personagem. Eventos tão importantes que marcam a vida do personagem profundamente e causam mudanças comportamentais significativas na sua maneira de enxergar e viver a vida.

O mais importante parâmetro por qual a informação cedida por um personagem deve ser submetida, é a teoria narrativa da “Jornada do Herói”. Desenvolvido e citado primeiramente por Joseph Campbell, no livro “O Herói de Mil Faces”, de 1949, o termo representa uma série de pontos importantes e recorrentes por qual uma história se desenvolve, trazendo consigo tanto semelhanças com mitologias heroicas quanto com uma vida considerada comum. O termo “monomito” também é usado para representar esse mesmo padrão. O monomito funciona mais como um guia para a produção e interpretação de uma determinada história, do que uma maneira de classificar tal história de acordo com seu conteúdo. Apesar disso, é

importante ressaltar que o estudo sobre a teoria do monomito traz reflexões importantes sobre como uma história se desenvolve, e como os personagens envolvidos em tal história se relacionam com os fatos que possam ser relevantes a uma possível adaptação escrita.

A estrutura descoberta por Campbell é extremamente rica. Ela parte de questões sutis, como a imaginação e os auxiliares sobrenaturais - tanto internos quanto externos - para relatar a evolução que passa o herói durante sua jornada em direção a patamares ampliados de consciência. Além disto, é importante notar que este ganho ultrapassa a dimensão pessoal, refletindo-se em nível comunitário e/ou humanitário (MARTINEZ, 2004, p. 3)

O conceito da jornada do herói deve ser estudada a fim de entender como os valores do monomito trazem identificação narrativa e aproximação com o leitor. As características que compõem a história do personagem do perfil, devem seguir uma linha narrativa que o apresente como um ícone humanizado, possível, reconhecível. O personagem deve ser retratado como alguém que poderia passar pelas mesmas provações que o leitor, mas que passou por provações ainda maiores e mais difíceis ou, no mínimo, diferentes e incomuns. Esse processo pode ser chamado de “humanização”, processo em que um personagem é transferido do patamar do imaginário, impossível, para o real e palpável, próximo da realidade do leitor.

A partir da ideia de humanização, o objetivo, nesse caso, será mostrar quem é o personagem por um ângulo desconhecido, oculto pelo status que o poder ou a atividade lhe concederam (ORMANEZE, 2013, p. 9)

Nesse processo o “incomum” também funciona como um dos grandes geradores de valor notícia para a construção do perfil, apesar da contradição aqui possível. Aquilo que geralmente não é visto ou não é contado pela pessoa longe das linhas do texto jornalístico garante características humanizadoras ao perfilado, características que o afastam de um arquétipo impossível de imagem idealizada. Diferentemente do “espetáculo”, e a consequente espetacularização da notícia, que privilegia uma maior quantidade de informações superficiais sobre um determinado

tema em detrimento do aprofundamento, o “incomum” aparece aqui justamente como ferramenta para a imersão, para a intimidade.

O processo de humanização possibilitado pela estrutura da jornada do herói aproxima a realidade do perfilado com a do leitor, criando uma ligação entre suas histórias, uma ponte de semelhanças subjetivas e interpretativas.

O perfil funciona, então, como agente de imersão do leitor na realidade do personagem. Age transformando a informação complexa e pessoal, quase íntima, em empatia. Como diz Sérgio Villas-Boas, “os perfis cumprem um papel importante, que é exatamente gerar empatia no leitor. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias do outro; compartilhar as alegrias e tristezas do outro; imaginar as situações do ponto de vista do outro” (VILLAS-BOAS, 2014, pg. 273). A empatia no perfil jornalístico deve ser o objetivo para quem escreve um texto do gênero. É o sentimento, a emoção que irá garantir que o leitor compactue com o personagem e possa crer, entender e até se relacionar com suas experiências. Esse sentimento irá colaborar para firmar o personagem como protagonista de sua história, como o elemento mais importante da reportagem, do rolete a ser lido.

Em jornalismo, perfil significa enfoque na pessoa - seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é protagonista de uma história: sua própria vida. Diante desse herói (ou anti-herói) o repórter tem, geralmente, dois tipos de comportamento: ou mantém-se distante, deixando que o focalizado se pronuncie, ou compartilha com ele um determinado momento e passa ao leitor essa experiência (SODRÉ, FERRARI, 1986, p. 26)

O protagonista é o foco da jornada. Os obstáculos foram superados pelo protagonista, e as consequências das suas escolhas são os detalhes importantes que moldam sua personalidade.

4. CONCLUSÃO

Com a execução da metodologia para a produção do produto, foi possível construir uma uniformidade narrativa que contribuiu para um texto com valor histórico e biográfico, além de apresentar diversas características narrativas literárias

que podem o enquadrar no gênero proposto. Os perfis sintetizam uma média de trinta minutos por entrevista, trazendo as informações mais relevantes para a composição de textos que atendem a proposta inicial.

Percebeu-se também que os textos e o formato produzido, permitem uma extensão quantitativa. A plataforma escolhida, produto impresso, permite revisões e reavaliações para que possíveis novos perfis sejam produzidos e adicionados ao produto final, para incorporação de novos detalhes e valores históricos.

A possibilidade de uma replicação do produto em uma plataforma digital também é viável. O Centro de Letras do Paraná atua na organização de um espaço digital próprio e atualizado, pronto para receber trabalhos digitais mais extensos, como é o caso do livro produzido.

Por fim, a capacitação teórica oferecida pelo presente trabalho, se adiciona à composição do produto de forma a consolidar a experiência adquirida. Com a base teórica disponível, a adaptação de novas informações obtidas através dos métodos propostos pode ser realizada de maneira agilizada e organizada, permitindo um aprimoramento contínuo dos resultados até aqui obtidos.

5. REFERÊNCIAS

ABREU, Luis Felipe Silveira de; ARAUJO, André Correa da Silva de; SILVA, Alexandre Rocha da. Do perfil jornalístico à escrita biográfica: vida em detalhes. **Revista Contemporanea**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2016.

AMATE, Elisson Tiago Barros. **Perfilar coisas**: O inumano no centro da narrativa jornalística. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevistas**: teoria, prática e experiências. 2. ed. Petrópolis: Vozes editora, 2010.

CHRISTOFOLETTI, Danilo; HILDEBRAND, Julio; ORMANEZE, Fabiano. **A utilização dos pilares do jornalismo literário na construção de perfis jornalísticos**. Campinas: PUCSP, 2015.

FERRARI, Maria Helena; SODRÉ, Muniz. **Técnica de Reportagem**: Notas Sobre a Narrativa Jornalística. São Paulo: Summus editora, 1986.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. Florianópolis: Record editora, 2001.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. ed. rev e atual. São Paulo: Unicamp, 2004. (Trabalho original publicado em 1951).

MANDELLI, Mariana Carolina. **O Perfil Jornalístico – Um Gênero Em Discussão Na Obra De Joel Silveira**. Bauru: Unesp, 2007.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do Herói: estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Ano VI, n. 1, pp. 71 – 83, 2009.

MOREIRA, Fabiane Barbosa. **Os valores-notícia no jornalismo impresso: análise das ‘características substantivas’ das notícias nos jornais Folha de São Paulo, o Estado de São Paulo e o Globo**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

MORIN, Edgar. Centre National de la Resherche Scientifique. Communications ed. 7/1966. **Televisão e Canção: Linguagem da Cultura de Massas**: Seleção de ensaios da Revista “Communications”. Petrópolis: Vozes, 1996.

OLIVEIRA, Priscila Natividade Dias Santos. **Jornalismo Literário: como o livro-reportagem transforma um fato em história**. Bahia: FSBA, 2006.

ORMANEZE, Fabiano. **O gênero perfil à luz dos valores-notícia: uma contribuição ao ensino de Jornalismo Literário**. Campinas: PUC-Campinas, 2013.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto editora, 2006.

SILVA, Amanda Tenório Pontes da. O perfil jornalístico: possibilidades e enfrentamentos no jornalismo impresso brasileiro. **Revista Eletrônica Temática**. Ano V, n. 10, 2009.

SILVA, Amanda Tenório Pontes da; PEREIRA, Wellington José de Oliveira. A possível relação entre o perfil jornalístico e o perfil nas mídias digitais. **Revista Eletrônica Temática**. Ano VI, n. 11, 2010.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes editora, 2009.

VILLAS-BOAS, Sergio. **Perfis**: o mundo dos outros 22 personagens e 1 ensaio. São Paulo: Editora Manole, 2014.